



ISBN: 978-65-272-2671-0

DOI: 110.29327/9786527226710.1663594

A geografia além do visível: O método como janela para a realidade geográfica

Klindy Giovanna da Silva Oliveira¹

Bruno de Lima Gondim²

Adria Prado Barbosa Montenegro³

Resumo

O presente artigo aborda as discussões epistemológicas que fundamentam a evolução do pensamento geográfico e sua consolidação enquanto ciência. O objetivo é apresentar as discussões epistemológicas e filosóficas, bem como os conceitos e categorias que sustentam uma episteme geográfica ao longo dos séculos. Demonstra-se que a aplicação dos conceitos e o entendimento acerca do real/realidade e do material/imaterial, aliados à utilização de métodos hipotético-dedutivo, fenomenológico e dialético, especificamente a chave para a análise do espaço. Dessa forma, a Geografia não se consolida como mera descrição, mas como uma ciência marcada por elevado grau de criticidade, cuja pluralidade metodológica torna-se indispensável para a compreensão da análise do espaço geográfico.

Palavras chave: Epistemologia da Geografia; Métodos de Pesquisa; Pensamento Geográfico.

Geography Beyond the Visible: Method as a Window into Geographical Reality

Abstract

This article discusses the epistemological discussions that underpin the evolution of geographic thinking and its consolidation as a science. The objective is to present the epistemological and philosophical discussions, as well as the concepts and categories that support a geographical episteme over the centuries. It is demonstrated that the application of concepts and the understanding about the real/reality and the material/immaterial, combined with the use of hypothetical-deductive, phenomenological and dialectical methods, specifically the key to the analysis of space. Thus, Geography is not consolidated as mere description, but as a science marked by a high degree of criticality, whose methodological plurality becomes indispensable for the understanding of the analysis of geographic space.

¹ Licenciada em Geografia, Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGEO), Universidade do Estado do Amazonas (UEA), kgdso.mge25@uea.edu.br

² Bacharel em Geografia, Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGEO), Universidade do Estado do Amazonas (UEA), bdlg.mge25@uea.edu.br.

³ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGEO), Universidade do Estado do Amazonas (UEA), apbm.mge25@uea.edu.br

ISBN: 978-65-272-2671-0 DOI: 110.29327/9786527226710.1663594

Keywords: Epistemology of Geography; Research Methods; Geographical Thought.

Introdução

A Geografia, enquanto campo do saber científico, constituiu-se historicamente em meio a tensões teóricas, metodológicas e epistemológicas. Entre essas tensões, destacam-se dicotomias como natureza e sociedade, físico e humano, objetividade e subjetividade, descrição e interpretação. Essas separações, embora tenham marcado diferentes momentos da história do pensamento geográfico, evidenciam a necessidade de compreender a Geografia para além de uma ciência meramente descritiva da superfície terrestre. Nesse sentido, Sposito (2004) contribui ao destacar a importância do diálogo entre Geografia e Filosofia para a reflexão sobre método, teoria do conhecimento, conceitos e categorias. De modo complementar, Vitte (2007) permite compreender que a história e a epistemologia da Geografia envolvem a gênese das categorias geográficas e os fundamentos filosóficos que orientam a produção do conhecimento geográfico. Assim, pensar a Geografia epistemologicamente implica reconhecer que seus objetos, conceitos e métodos são historicamente construídos a partir de diferentes formas de interpretar o mundo.

Nesse sentido, a aproximação entre Geografia e Filosofia se torna fundamental para compreender os fundamentos da produção do conhecimento geográfico. Sposito (2004) demonstra que esse diálogo permite recolocar no centro da reflexão geográfica questões como método, crítica do conhecimento, teoria do conhecimento, conceitos, temas e teorias. Para este artigo, essa contribuição é relevante porque permite compreender que a Geografia não se limita à descrição dos fenômenos espaciais, mas envolve escolhas teóricas e metodológicas que orientam a forma como o pesquisador interpreta a realidade.

O debate epistemológico na Geografia exige atenção aos conceitos fundamentais e às categorias de análise, pois são eles que permitem organizar teoricamente a leitura da realidade. Com base nessa perspectiva, compreende-se que conceitos e categorias não são apenas termos utilizados pelo pesquisador, mas instrumentos intelectuais que orientam a construção do objeto científico. O conceito resulta de uma elaboração sobre o real e, embora se refira ao objeto, não se confunde com ele. Já as categorias apresentam maior grau de generalidade e estabilidade analítica, funcionando como mediações teóricas para interpretar a realidade geográfica.

Na pesquisa geográfica, a escolha do método influencia diretamente a construção do estudo, pois o método não se reduz a um procedimento técnico ou operacional. Ele constitui o percurso teórico-investigativo por meio do qual o pesquisador interpreta a realidade, define seu objeto e organiza suas categorias de análise. Desse modo, o método está sustentado por uma episteme, isto é, por uma linha de pensamento que orienta a forma como o pesquisador compreende o mundo, seleciona seus referenciais teóricos e produz conhecimento. Em Geografia, essa relação entre método e episteme é decisiva, pois diferentes correntes do pensamento geográfico produzem diferentes formas de compreender o espaço, o território, a região, a paisagem e o lugar.

A Geografia tem como objeto central de estudo o espaço geográfico, compreendido não como uma realidade neutra, estática ou meramente empírica, mas

ISBN: 978-65-272-2671-0 DOI: 110.29327/9786527226710.1663594

como uma construção histórica, social, técnica e simbólica. Santos (1996) contribui para essa compreensão ao propor que o espaço geográfico seja analisado pela relação entre sistemas de objetos e sistemas de ações. Essa formulação permite interpretar o espaço como uma realidade dinâmica, atravessada pela técnica, pelo tempo, pelas intencionalidades e pelas práticas sociais, e não apenas como cenário onde os fenômenos ocorrem.

De modo complementar, Lefebvre (2006) contribui para essa reflexão ao compreender o espaço como produto social, isto é, como resultado das relações sociais, das práticas, das representações e das formas de produção e reprodução da sociedade. Assim, o espaço não pode ser visto apenas como suporte das ações humanas, mas como parte ativa das relações sociais, econômicas, políticas e culturais. Para este artigo, essa perspectiva reforça a importância da epistemologia na Geografia, pois evidencia que a leitura do espaço depende dos fundamentos teóricos e filosóficos adotados pelo pesquisador.

Vitte (2007), ao organizar discussões sobre a história e a epistemologia da Geografia, também contribui para esse debate ao evidenciar a importância de refletir sobre a gênese das categorias geográficas, a formação do pensamento geográfico e o diálogo entre Geografia, Filosofia, ciência e técnica. Sua abordagem permite compreender que o pensamento geográfico é um processo histórico, constituído por diferentes matrizes teóricas, filosóficas e metodológicas. Nesse sentido, a análise da realidade espacial exige considerar tanto os fundamentos conceituais quanto as transformações históricas que orientam a produção do conhecimento geográfico.

A partir dessa perspectiva, este artigo tem como objetivo apresentar discussões filosóficas que permeiam a história do pensamento geográfico, abordando conceitos fundamentais da epistemologia da Geografia e sua importância para a compreensão do espaço geográfico. O texto discute a Geografia como ciência a partir do diálogo entre método e episteme, destacando a construção conceitual, a distinção entre real e realidade e a relação entre conceitos e categorias. Resultante das discussões desenvolvidas durante a disciplina Epistemologia da Geografia ofertada pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade do Estado do Amazonas (PPGEO/UEA), o artigo parte da leitura e análise das obras *Contribuições à História e à Epistemologia da Geografia*, organizada por Antonio Carlos Vitte, e *Geografia e Filosofia*, de Eliseu Savério Sposito.

A geografia como ciência e a construção de sua episteme

A construção da episteme geográfica pode ser compreendida como resultado de um longo percurso histórico, no qual diferentes sociedades produziram formas de conhecer, representar e organizar o espaço. Antes de se constituir como ciência moderna, já existiam saberes espaciais vinculados à orientação, à sobrevivência, ao deslocamento, à apropriação da natureza e à transformação do ambiente. Segundo Claval (2002), a Geografia que conhecemos surgiu de uma crise ocorrida em meados do século XVIII, período em que os geógrafos passaram a medir latitudes e longitudes para auxiliar na produção de mapas utilizados nas grandes navegações. Assim, embora ainda não existisse como ciência na pré-história, já havia uma relação entre sociedade e natureza, expressa

ISBN: 978-65-272-2671-0 DOI: 110.29327/9786527226710.1663594

nas práticas nômades, nas estratégias de sobrevivência e nas primeiras formas de uso e transformação do meio. Nesse contexto, Bornheim, ao retomar a noção de *physis* dos pré-socráticos, afirma que “a totalidade de tudo o que é pode ser apreendida em tudo o que acontece: na aurora, no crescimento das plantas, no nascimento de animais e homens” (Bornheim, 1982, *apud* Mendonça; Kozel, 2004, p. 155). Essa compreensão permite observar que, antes da institucionalização da Geografia como ciência, já se constituíam formas de pensamento sobre a relação entre ser humano, natureza e mundo vivido.

Ao longo da Antiguidade e da Idade Média, diferentes sociedades contribuíram para o desenvolvimento de conhecimentos territoriais, cartográficos e cosmográficos. Gregos, romanos e, posteriormente, árabes produziram descrições, mapas, registros de viagens e formas de localização que ampliaram a compreensão sobre a superfície terrestre. Na Idade Média europeia, o predomínio da organização feudal restringiu parte do conhecimento espacial ao âmbito local, embora não tenha eliminado outras formas de circulação de saberes geográficos. Com as Grandes Navegações, entre os séculos XV e XVI, ampliaram-se as técnicas de navegação, a cartografia e o conhecimento dos territórios, articulando expansão marítima, comércio, colonização e formação do capitalismo.

A partir da Idade Moderna, a racionalidade científica passou a valorizar a observação sistemática, a mensuração, a classificação e a busca por leis gerais. Essa mudança foi decisiva para que a Geografia deixasse de ser apenas um conjunto de descrições sobre lugares e territórios e passasse a se organizar como campo de conhecimento com fundamentos próprios. Vitte (2007) contribui para essa discussão ao demonstrar que a gênese da Geografia moderna está profundamente relacionada ao diálogo entre ciência, filosofia, natureza e representação do mundo, especialmente a partir das reflexões kantianas e humboldtianas sobre espaço, tempo, natureza e forma.

Essa transformação se consolidou no século XIX, com as contribuições de Alexander von Humboldt (1769-1859) e Karl Ritter (1779-1859), considerados fundamentais para a sistematização da Geografia moderna. Humboldt contribuiu para uma leitura integrada da natureza, valorizando a observação empírica, a comparação e a relação entre os fenômenos naturais. Ritter, por sua vez, reforçou a importância da relação entre os grupos humanos e a superfície terrestre. Contudo, como observa Sposito (2004), ao discutir autores clássicos como Humboldt e Ritter, é necessário contextualizá-los historicamente, considerando o momento, o lugar e os problemas científicos aos quais suas obras respondiam.

Com esse processo, a Geografia passou a ser reconhecida como ciência, fundamentada na definição de um campo de investigação e na construção de conceitos próprios. Seu objeto, posteriormente sistematizado em torno do espaço geográfico, passou a ser analisado a partir de diferentes correntes teóricas e metodológicas. A chamada Geografia Clássica expressa esse momento de consolidação, marcado pela formação de escolas nacionais de pensamento, como a alemã, a francesa, a britânica, a norte-americana e a soviética, cada uma delas orientada por diferentes concepções de ciência, método, natureza, sociedade e território.

No final do século XIX, a escola alemã teve em Friedrich Ratzel um de seus principais representantes. Sua obra esteve associada ao determinismo geográfico e à

ISBN: 978-65-272-2671-0 DOI: 110.29327/9786527226710.1663594

formulação da teoria do espaço vital. Nessa perspectiva, as condições naturais eram consideradas elementos fundamentais para explicar a organização das sociedades, suas possibilidades de desenvolvimento e suas necessidades territoriais. Conforme Moraes (2007), o espaço vital representaria uma relação de equilíbrio entre a sociedade e os recursos disponíveis, servindo como base para interpretar as potencialidades de desenvolvimento e expansão territorial. Embora essa matriz tenha sido importante para a consolidação da Geografia moderna, ela também recebeu críticas posteriores por reduzir a complexidade das relações sociais à influência do meio natural.

Já na França, com a escola Francesa, Vidal de La Blache critica fortemente a escola alemã e os pensamentos de Ratzel relacionados à vinculação entre o pensamento geográfico e a defesa de interesses políticos. Com esta postura atacou diretamente o caráter apologético do expansionismo alemão contidos nas formulações de Ratzel (Moraes, 2007). Vidal de La Blache coloca o homem como ser ativo que sofre influência do meio, mas que, entretanto, atua sobre ele, transformando-o.

Neste processo, de trocas mútuas com a natureza, o homem transforma a matéria natural, cria formas sobre a superfície terrestre: para Vidal é aí que começa a “Obra Geográfica do Homem”. Assim, na perspectiva vidalina, a natureza passou a ser vista como possibilidade para a ação humana: daí o nome: Possibilismo. (Moraes, p. 24, 2007).

Ao contrário de Ratzel, que condicionava o homem a apenas viver sob as condições em que o meio apresentava, La Blache propôs o possibilismo que enfatizava que o homem é um ser capaz de criar meios para sua reprodução e sobrevivência rompendo barreiras materiais e imateriais. A partir do possibilismo de La Blache, novos entendimentos sobre a geografia foram surgindo como a Geografia Humanística que se elabora como uma geografia mais subjetiva que explora aspectos como cultura, religião e percepção.

A Nova Geografia, também denominada Geografia Quantitativa ou Teorética, desenvolveu-se sob forte influência do positivismo lógico e do neopositivismo, incorporando a linguagem matemática, a estatística, os modelos espaciais e a busca por regularidades gerais na explicação dos fenômenos geográficos. Nessa perspectiva, parte-se da ideia de que o conhecimento científico deve ser produzido com objetividade, neutralidade e comprovação empírica, pressupondo uma separação entre o sujeito que conhece e o objeto investigado (Damascena, 1999). Conforme Sposito (2004), essa influência do empirismo lógico levou parte dos geógrafos a adotarem uma concepção de ciência considerada neutra, aproximando-se da chamada Filosofia da Ciência e afastando-se, em muitos casos, do debate entre ciência e ideologia. Assim, embora a Nova Geografia tenha contribuído para o aperfeiçoamento técnico-metodológico da análise espacial, sua ênfase quantitativa acabou sendo criticada por reduzir a complexidade do espaço a modelos formais e por secundarizar as contradições sociais, políticas e históricas que estruturam a realidade geográfica.

Em contraposição a essa perspectiva, a Geografia Crítica emerge como uma corrente preocupada em compreender o espaço como produto histórico e social, marcado por desigualdades, conflitos, contradições e relações de poder. Fundamentada

ISBN: 978-65-272-2671-0 DOI: 110.29327/9786527226710.1663594

principalmente no pensamento marxista e na crítica à neutralidade científica, essa corrente desloca o debate geográfico para a análise das formas de produção e apropriação do espaço, considerando as relações entre sociedade, Estado, capital, território e classes sociais. Nesse contexto, autores como Yves Lacoste e Milton Santos contribuíram significativamente para a renovação do pensamento geográfico, ao defenderem que o conhecimento geográfico não é neutro, mas pode constituir instrumento de leitura crítica da realidade e de enfrentamento das desigualdades socioespaciais (Cabral et al., 2023). Em Santos (1996), essa perspectiva se expressa na compreensão do espaço geográfico como resultado da articulação entre sistemas de objetos e sistemas de ações, permitindo analisar a materialidade espacial juntamente com as práticas sociais que lhe dão sentido.

Desse modo, as diferentes escolas e correntes do pensamento geográfico contribuíram para a construção da Geografia contemporânea, evidenciando que a ciência geográfica não possui uma trajetória linear ou homogênea. Ao contrário, sua episteme foi sendo constituída por disputas teóricas, metodológicas e filosóficas, nas quais se confrontaram distintas formas de compreender o espaço, a natureza, a sociedade e o papel do conhecimento científico. Assim, da Geografia Clássica à Nova Geografia e à Geografia Crítica, observa-se que cada corrente expressa um modo particular de interpretar a realidade espacial e de definir os caminhos metodológicos da investigação geográfica.

Conceitos, categorias e realidade na análise geográfica

Afinal, o que é a Geografia? Segundo o dicionário online Michaelis, a geografia é a “ciência cujo o objetivo é descrever as formas os acidentes físicos os fenômenos biológicos, sociais e políticos que ocorrem na terra”. Entretanto a geografia vai muito além de apenas descrever fenômenos físicos, cabe a ela também, analisar, comparar e refletir e discutir como esses fenômenos atuam na dinâmica espacial do homem com o espaço.

Para essa reflexão, primeiramente, precisamos refletir sobre a diferença entre o real e a realidade, pois isso nos auxilia acerca da compreensão de conceitos. Para todos os efeitos o real é aquilo que existe independente da capacidade que o sujeito tem de saber que ele existe, já a realidade é a construção social é a percepção que aquele sujeito tem sobre o real, com essa diferenciação podemos perceber que se a realidade é a percepção do sujeito, logo, cada sujeito tem a sua percepção do real, então, cada indivíduo vive, pensa e enxerga o mundo de uma forma diferente, e enxerga o mundo a partir de uma realidade.

Dessa forma, dependendo do ponto de vista e da subjetividade de cada indivíduo, conseguimos interpretar e enxergar a realidade a partir de diferentes óticas. Esse modo de interpretar a “realidade” está intrinsecamente relacionado ao campo do imaterial, pois é este que direciona as ações humanas e se conecta à racionalidade.

Com base nisso, qual seria a importância do material e do imaterial dentro da ciência geográfica? O material corresponde ao que é concreto, tangível e pode ser fisicamente percebido no espaço. Já o imaterial corresponde ao que é simbólico, dotado

ISBN: 978-65-272-2671-0 DOI: 110.29327/9786527226710.1663594

de certa subjetividade. Ele não é palpável, mas orienta as práticas e auxilia na compreensão de como os sujeitos percebem e se relacionam com o espaço.

Logo, compreende-se que o papel do geógrafo é formular e reinterpretar conceitos que expressem e deem clareza a essa realidade. O conceito, portanto, não pode ser utilizado isoladamente, pois todo conceito está necessariamente em relação e conexão com outros conceitos, os quais dão sustentação ao trabalho científico.

A partir disto, podemos pensar como se articulam as categorias de análise da geografia com a aplicabilidade dos conceitos. A reinterpretação das categorias da escola clássica da Geografia, como território, região, paisagem e lugar, revela que esses conceitos são atemporais e servem de base para novas pesquisas e análises. Essa releitura será feita a partir dos conceitos, isto é, das formas pelas quais essas categorias são interpretadas e aplicadas no processo de investigação de determinado fenômeno. Nesse cerne, as mudanças desses conceitos refletem as transformações epistemológicas da Geografia enquanto ciência e, principalmente, das estruturas sociais.

Os conceitos de região, território, paisagem e lugar são fundamentais para a análise geográfica. Para Lencioni (2024), não devem ser entendidos como definições prontas ou fixas, mas como parte de um exercício de pensamento sobre a realidade. Isso significa que o conceito é uma forma de refletir o real, mas nunca consegue abarcar toda a sua riqueza. Ele é objetivo porque se relaciona ao mundo concreto, mas também subjetivo porque existe na nossa consciência e depende da interpretação. Além disso, os conceitos são temporais, ou seja, mudam ao longo do tempo, acompanhando as transformações sociais e históricas.

Para compreender a questão dos conceitos e categorias, na ciência geográfica, precisamos diferenciar o material do imaterial para compreender a complexidade das categorias de análise, pois bem, de maneira geral o material é algo tangível, concreto, o imaterial são as relações, símbolos, algo intangível.

Acerca dos conceitos e categorias, podemos concebê-los como a simplificação do real, pois nem sempre se tem um conceito formado para aquela realidade que se quer descrever, ou seja o conceito é uma abstração, que pode se alterar ou se renovar ao longo do tempo, já as categorias são uma promoção dos conceitos pois o que se espera que elas definam já não é um conjunto particular de experiências, ou uma classe específica de fenômenos (Valle, 2008). Toda essa reflexão é de suma importância para compreender a utilização dos conceitos-categorias na geografia: espaço, paisagem, território, região e lugar.

Método e produção do conhecimento geográfico

O método representa uma forma de pensar e uma visão de mundo, pois orienta o modo como o pesquisador compreende, interpreta e organiza a realidade. Segundo Mendonça e Kozel, ao retomarem Martonne, “a Geografia pode ser considerada uma ciência formada [...] o essencial é observar os princípios do método geográfico” (Martonne, 1964, apud Mendonça; Kozel, 2004, p. 177). Essa compreensão evidencia que o método não se reduz a procedimentos técnicos, mas envolve fundamentos filosóficos e epistemológicos que orientam a produção do conhecimento conforme o contexto

ISBN: 978-65-272-2671-0 DOI: 110.29327/9786527226710.1663594

histórico. Nesse sentido, Santos afirma que a questão do método está relacionada à construção de um sistema intelectual que permita abordar analiticamente a realidade a partir de um determinado ponto de vista; por isso, “a realidade social é intelectualmente construída” (Santos, 1996, p. 49).

O método aparece na Epistemologia da Geografia como uma forma de pensar; é um movimento que orienta a reflexão e os procedimentos na ciência geográfica. Severino (1992, p. 121) define o método como o conjunto de procedimentos lógicos e de técnicas operacionais que permitem ao cientista descobrir as relações causais constantes que existem entre os fenômenos.

É através do método que se estabelece um rigor científico necessário ao conhecimento, conferindo-lhe materialidade e legitimidade em suas análises. Na Geografia, o espaço ocupa posição central como categoria de análise, por possibilitar o entendimento das dinâmicas que emergem das interações entre sociedade e natureza e que se manifestam em determinada configuração territorial.

Os métodos que surgiram com base teórica na filosofia são importantes no intuito de direcionar a investigação científica na Geografia, oferecendo caminhos para que o pesquisador organize suas ideias e formular explicações consistentes sobre os fenômenos analisados. O método, nesse sentido, possibilita abordar analiticamente a realidade a partir de um ponto de vista específico, entendendo que essa realidade é intelectualmente construída.

Existem três tipos de métodos na Geografia que auxiliam na produção científica: o método hipotético-dedutivo, fenomenológico e dialético. O método hipotético-dedutivo é baseado na elaboração de hipóteses que são posteriormente submetidas à verificação empírica, possibilitando a identificação de relações causais e a formulação de generalizações acerca dos fenômenos espaciais. Já o método fenomenológico valoriza a experiência vivida e a percepção dos sujeitos, buscando compreender como os indivíduos atribuem sentido ao espaço e como estas representações influenciam a organização territorial. Por sua vez, o método dialético centra-se nas contradições e nas dinâmicas de transformação, examinando o espaço geográfico como resultado de conflitos, interações e mudanças históricas.

O que vai diferenciar o método dos procedimentos metodológicos? Se o método é o caminho ou a “realidade” concebida que o pesquisador escolhe para investigar determinado fenômeno, os procedimentos metodológicos consistem em um conjunto de técnicas e instrumentos que operacionalizam o método.

Os procedimentos metodológicos são as técnicas e instrumentos práticos que operacionalizam o método e possibilitam a execução da pesquisa. Cada método terá procedimentos metodológicos específicos, que auxiliam na investigação e compreensão de determinada realidade. A escolha de um método não é neutra, pois envolve concepções de existência, mundo e sociedade. Assim, o pesquisador, ao optar por determinado método, revela sua forma de compreender a realidade e de interpretar as interações que constituem o espaço.

Os procedimentos metodológicos, nesse sentido, atuam como instrumentos que operacionalizam o método, permitindo transformar hipóteses em análises concretas e fundamentadas. É necessário, então, uma apropriação do método por parte do

ISBN: 978-65-272-2671-0 DOI: 110.29327/9786527226710.1663594

pesquisador, o que garante ao geógrafo a capacidade de produzir conhecimento com rigor científico.

De maneira geral, o método pode ser compreendido como o caminho teórico e analítico que orienta a investigação científica, permitindo ao pesquisador selecionar procedimentos, técnicas e instrumentos adequados à compreensão dos fenômenos estudados (Sposito, 2004). Nesse sentido, a discussão sobre método não se limita à definição abstrata de correntes filosóficas, mas pode ser observada também em situações concretas de pesquisa, nas quais diferentes formas de olhar, perguntar, registrar e interpretar a realidade são mobilizadas. A partir dessa perspectiva, o texto “Tertúlia Geográfica pelo Rio Madre de Dios”, de Nogueira (2024), possibilita relacionar, de maneira didática, diferentes práticas investigativas aos métodos hipotético-dedutivo, fenomenológico e histórico-crítico-dialético.

No método hipotético-dedutivo, também associado à abordagem empírico-analítica, predominam procedimentos voltados à observação, coleta, mensuração e análise de dados. Esse método busca explicar os fenômenos por meio de hipóteses, regularidades e relações verificáveis, valorizando a objetividade e a sistematização dos dados. No texto de Nogueira (2024), essa perspectiva pode ser observada no momento em que os pesquisadores realizam coleta de amostras do solo para posterior análise laboratorial: Christofolletti e Sternberg aproveitaram o momento para coletar amostras do solo para análise no Laboratório de solos na Unesp, na falta de um trado, conseguiram uma pá de um agricultor (Nogueira, 2024, p.7).

O método fenomenológico, por sua vez, valoriza as experiências vividas, as percepções, as memórias e os sentidos atribuídos pelos sujeitos ao espaço. Diferentemente da abordagem estritamente quantitativa, a fenomenologia busca compreender como os indivíduos interpretam o mundo a partir de sua própria vivência. Em Sposito (2004), essa perspectiva aparece associada à valorização da subjetividade, da experiência e da compreensão dos significados presentes nos discursos e nas práticas espaciais. No texto de Nogueira (2024), esse método pode ser relacionado ao diálogo estabelecido com o piloto da embarcação:

Lívia de Oliveira e Anne Buttimer, cada uma de um lado do piloto, faziam várias perguntas sobre a vida dele, se era natural do lugar, se morava na cidade ou não, sobre a navegação, o rio, a erosão das margens, a agricultura, a pesca e floresta e também sobre o clima, queriam entender como aquele meio ambiente significava na vida do piloto (Nogueira, 2024, p.4).

Nesse trecho, evidencia-se uma aproximação com a fenomenologia, pois o interesse das pesquisadoras não está apenas nos elementos físicos da paisagem, mas no modo como o sujeito percebe, narra e atribui sentido ao meio em que vive. A centralidade da experiência do piloto permite compreender o espaço como realidade vivida, percebida e significada.

Já o método histórico-crítico-dialético parte da compreensão de que a realidade está em movimento e é constituída por contradições históricas, sociais, econômicas e políticas. Nessa perspectiva, o espaço geográfico não é analisado apenas em sua aparência imediata, mas como resultado de relações sociais, processos produtivos, conflitos e

ISBN: 978-65-272-2671-0 DOI: 110.29327/9786527226710.1663594

formas de apropriação. Em Nogueira (2024), essa abordagem pode ser observada no momento em que Harvey e Santos direcionam suas perguntas para a produção, o escoamento e a apropriação do trabalho: Harvey e Santos, perguntaram o que produziam, como produziam e como escoavam seus produtos, tentando identificar quem se apropriava do trabalho excedente e qual o circuito espacial da produção (Nogueira, 2024, p. 7).

Esse fragmento revela uma leitura dialética da realidade, pois ultrapassa a descrição das atividades produtivas e busca compreender as relações sociais que estruturam a produção do espaço. Ao investigar quem produz, como produz, como circula a produção e quem se apropria do excedente, a análise se aproxima da crítica às desigualdades e às contradições presentes na organização territorial.

Dessa forma, a narrativa de Nogueira (2024) permite observar, de maneira concreta e didática, como diferentes métodos podem orientar distintas formas de investigação geográfica. Enquanto o método hipotético-dedutivo privilegia a coleta e a verificação de dados empíricos, a fenomenologia enfatiza a experiência vivida e os sentidos atribuídos ao espaço, e o método histórico-crítico-dialético busca compreender as contradições sociais que produzem a realidade espacial. Assim, a “Tertúlia Geográfica pelo Rio Madre de Dios” demonstra que a Geografia se fortalece justamente pela possibilidade de articular diferentes perspectivas metodológicas na interpretação da complexidade socioespacial.

Portanto, o método não se reduz a uma disciplina ou a um conjunto neutro de técnicas, mas constitui uma construção intelectual vinculada a diferentes matrizes filosóficas e epistemológicas. Como destaca Sposito (2004), os métodos hipotético-dedutivo, dialético e fenomenológico constituem caminhos filosoficamente coerentes para o trabalho intelectual, orientando historicamente a produção científica e filosófica.

Na Geografia, essas matrizes aparecem associadas a distintas formas de compreender a realidade: o positivismo, ao buscar leis gerais para explicar a relação entre sociedade e natureza; o historicismo, ao valorizar os contextos singulares, as permanências e as particularidades históricas; o materialismo histórico-dialético, ao fundamentar a Geografia Crítica na análise das contradições sociais e da produção desigual do espaço; e a fenomenologia, juntamente com o pensamento cultural, ao destacar a experiência vivida, a percepção e os sentidos atribuídos ao espaço. Assim, a escolha do método revela não apenas um caminho de investigação, mas também uma concepção de mundo, de ciência e de realidade.

Desdobramentos epistemológicos nos campos da Geografia

Com base nos textos trabalhados o ponto chave em discussão em ambos os textos é em como o indivíduo constrói o conhecimento de espaço e como isso deve ser interpretado pela geografia, pois bem, com base no texto “Uma Leitura Geográfica da Epistemologia do Espaço Segundo Piaget” que busca relacionar os pensamentos da epistemologia genética de Piaget com a noção de espaço da Geografia. A epistemologia genética segundo a leitura de Livia de Oliveira que expõe o pensamento piagetiano, aborda como o processo do conhecimento é formado. O conhecimento constitui sempre

ISBN: 978-65-272-2671-0 DOI: 110.29327/9786527226710.1663594

um processo e não pode ser fixado em seus estados sempre momentâneos (De Oliveira, 2007), dessa forma, Piaget propõe estruturas cognitivas que permitem uma leitura do espaço pelo indivíduo, são elas: Níveis sensório- motores, pensamento pré-operatório, operações concretas e as operações formais.

Essa epistemologia genética leva a reflexão de pensamento para a epistemologia do espaço, que no texto é abordado por estruturas, como as experiências entre a distinção do espaço físico e lógico matemático, e que a construção do espaço é elaborada a partir desses níveis onde o primeiro se refere ao mundo percebido e o segundo a estrutura construída pela mente. No texto, Lívia de Oliveira expõe acerca das estruturas espaciais no sentido da formação do conhecimento espacial pelo indivíduo e as relações topológicas, relações projetivas, e as euclidianas que explicam que o conhecimento do espaço faz parte do desenvolvimento cognitivo de uma criança que relaciona os processos de interações dinâmicas como o espaço vivido.

Ainda na perspectiva do ensino, o texto de Antônio Sobreira intitulado “Os limites da pesquisa em Geografia Educacional.” aborda que as pesquisas e a atuação de geógrafos no ensino são desvalorizadas e negligenciadas pelos próprios pesquisadores, que muitas vezes preferem atuar somente com pesquisas isoladas e não fazendo a devida aplicação nas escolas.

Geotecnologias

As geotecnologias surgem com o avanço dos sistemas informacionais e nos permitem fazer análises quantitativas e qualitativas do espaço, no texto do autor Marcos César Ferreira “Considerações Teórico-Metodológicas Sobre as Origens e a Inserção do Sistema de Informação Geográfica na Geografia”, traz essa reflexão do uso do Sistema de Informação Geográfica (SIG), para realizar essa análise espacial e compreensão do espaço geográfico.

A análise espacial nos permite entender e identificar os dados que o SIG pode gerar, entretanto em sua análise há uma diferenciação na ideia de sabedoria geográfica e conhecimento geográfico, quanto a isso o autor destaca.

O conhecimento geográfico é a informação geográfica utilizada em um determinado contexto metodológico para explicar um fenômeno enquanto a sabedoria geográfica inclui, além de dados, informações e conhecimentos, o tempo e a raridade (Ferreira, p.103, 2007).

O conhecimento geográfico vai além de dados e informações, mas surge quando a informação é aplicada, quando o geógrafo pega os dados e aplica mediante as metodologias e teorias específicas da geografia, a sabedoria geográfica incorpora a mais, a questão do tempo em que o fenômeno é analisado, trazendo a completude da análise, logo, para uma boa interpretação de dados fornecidos por um SIG é necessário um olhar da realidade que perpassa por esses dois tipos de análise.

O autor destaca todo o contexto histórico da evolução do SIG e sua influência da geografia quantitativa, do positivismo lógico, mas que nasceu com o objetivo de

ISBN: 978-65-272-2671-0

DOI: 110.29327/9786527226710.1663594

compreender os processos dinâmicos do espaço, não apenas sua forma. Para compreender a análise espacial é necessário vincular a teoria e prática, refletindo como as raízes epistemológicas possuem forte influência nas análises espaciais.

Geografia Física

A Geografia Física muitas vezes pode parecer apenas a parte da geografia que se atenta a observar as questões naturais do espaço muito atrelada a uma geografia quantitativa e pouco exploratória, entretanto, a análise das questões humanas é de extrema importância para compreender como as paisagens e mudam em relação ao tempo. O texto de Fadil Filho, desperta essa análise através da reflexão da obra “Na planície Amazônica” de Raimundo Morais, nesta obra o autor faz referência entre o contexto físico da Amazônia e as relações de população, economia e produção do espaço. O autor traz uma abordagem crítica ao mencionar sobre os modos de vida dos ribeirinhos e sua relação com a Amazônia vista pelo mundo como um lugar rico em natureza, mas que ao mesmo tempo se apresenta como espaço de dificuldades e desigualdades, apontando como a dinâmica dos rios e seus afluentes afetam a vida das populações que residem na Amazônia.

Geografia Humana

As relações sociais com o espaço e natureza se consolidam com a ampliação do comércio e da nova dinâmica espacial geográfica que nasce com o capitalismo (Camargo e Guerra, 2007) as relações sociais baseadas não somente em riquezas, mas como também em ideologias, e concepções empíricas de ciência e universo.

Na criação de novos paradigmas de ideias para se pensar a relação homem x meio, surge a criação e métodos para analisar essa ideia, Bacon propôs o método empírico indutivo que se baseava na observação isolada dos fenômenos, Descartes por sua vez concebia a racionalidade como essência da verdade e Isaac Newton que integra o empirismo de Bacon com a racionalidade de Descartes, pois para ele na natureza não há nada que possa acontecer sem que o homem não pudesse conhecer e explicar cientificamente (Camargo e Guerra, 2007).

Assim, o modelo de ciência vai se transformando e criando essa relação do homem com a natureza, que com o passar do tempo vai se intensificando e modificando o espaço em função do tempo, trazendo a complexidade para o pensamento geográfico. O pensar complexo remete à desordem como ligado a ordem, que por sua vez é relativa ao sistema e a sua dinâmica no espaço-tempo. (Camargo e Guerra, 2007). Pensar geograficamente é pensar a complexidade, pois no espaço nenhum evento acontece isolado, e sim interligado a uma série de fatores relacionados ao tempo, as condições naturais, e a questão da natureza humana envolvida. Portanto a mutabilidade do espaço é a dinâmica que envolve todo o planeta terra, sendo o fruto da competitividade e da ordenação produtiva ideológica imposta pelo sistema que se funde à ordem natural (Camargo e Guerra, 2007).

ISBN: 978-65-272-2671-0

DOI: 110.29327/9786527226710.1663594

Considerações finais

Ao longo desta reflexão, foi possível compreender e analisar algumas das principais discussões filosóficas que fundamentam a epistemologia geográfica, passando por suas principais teorias e autores e suas respectivas contribuições para a ciência geográfica.

Analisando sua complexidade entende-se que a Geografia está longe de ser uma ciência meramente descritiva, pois possui como objeto de estudo o espaço, que se define como a relação do homem com o meio que é facilmente encontrado desde a sua base determinista, na escola alemã até a geografia crítica embasada nas concepções marxistas.

A crise paradigmática, discutida por Ruy Moreira e Diniz Filho, ressalta a importância de uma análise profunda por parte dos geógrafos acerca do objeto de estudo da ciência geográfica e evidencia a necessidade de diálogo da geografia crítica com as demais correntes filosóficas, mas que embora tenha sofrido sua crise, trouxe reflexões sociais importantes sobre o papel dos indivíduos com o espaço e suas relações sociais.

Entender a Geografia enquanto ciência resulta reconhecer que método e episteme se articulam no processo de produção do conhecimento. A construção conceitual, a distinção entre real e realidade e a articulação entre conceitos e categorias não são apenas instrumentos de análise, mas condições fundamentais para a compreensão do espaço geográfico. Discutir o método em diálogo com a episteme é abordar os fundamentos da Geografia como ciência e sua aptidão para interpretar o mundo de forma crítica, reconhecendo que a escolha metodológica depende da intencionalidade e olhar do pesquisador.

Ao longo deste trabalho se buscou apresentar a importância da epistemologia da Geografia e em como ela oferece alicerces teóricos para a consolidação da Geografia como ciência. A partir da análise dos textos se pode perceber a construção do pensamento geográfico e a articulação de como as abordagens teórico-metodológicas a partir do método que se mostram complementares na construção do que é o espaço geográfico, cada qual contribuindo na sua perspectiva sobre a relação sujeito-objeto.

Compreender a Geografia a partir do método significa reconhecer que não existe um único caminho capaz de dar conta da totalidade do espaço geográfico. A disciplina evolui ao unir métodos diferentes, promovendo interação entre observação empírica, experiência subjetiva e crítica social. Essa pluralidade não apenas garante rigor científico, mas também amplia a capacidade de explicar, interpretar e intervir nos processos de produção do território, reafirmando a Geografia como ciência dinâmica, aberta e profundamente comprometida com a compreensão da realidade em suas múltiplas escalas. Assim, a seleção adequada do método reforça o papel da Geografia como ciência voltada à análise crítica dos fenômenos espaciais.

Referências

CABRAL, Josiane Rodrigues dos Santos; MORAIS, Antônia Rejane Cavalcante; LIMA, Deuzanir da Conceição Amorim; PALHARES, José Mauro. Uma abordagem sobre a epistemologia da Geografia. **Revista Territorium Terram**, v. 10, p. 633-648, 2023.



ISBN: 978-65-272-2671-0 DOI: 110.29327/9786527226710.1663594

CAMARGO, Luís; GUERRA, Antônio. A geografia da complexidade: aplicação das teorias da auto-organização ao espaço geográfico. In: VITTE, Antonio Carlos (org.). **Contribuições à história e à epistemologia da Geografia**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

CLAVAL, Paulo. A revolução pós-funcionalista e as concepções atuais da Geografia. In: MENDONÇA, Francisco; KOZEL, Salete (orgs.). **Elementos de epistemologia da Geografia contemporânea**. Curitiba: Ed. UFPR, 2004.

DAMASCENA, Jutorides Alves; GOMES, Paulo César da Costa. Geografia e modernidade. **Boletim Goiano de Geografia**, Goiânia, v. 19, n. 2, p. 169–173, 2011. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/bgg/article/view/15375>. Acesso em: 10 jun. 2026.

DE OLIVEIRA, Livia. Uma leitura geográfica da epistemologia do espaço segundo Piaget. In: VITTE, Antonio Carlos (org.). **Contribuições à história e à epistemologia da Geografia**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

FERREIRA, Marcos. Considerações teórico-metodológicas sobre as origens e a inserção do sistema de informação geográfica na Geografia. In: VITTE, Antonio Carlos (org.). **Contribuições à história e à epistemologia da Geografia**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

FILHO, Fadel. Na Comissão Amazônica, de Raimundo Moraes: uma avaliação do pensamento geográfico na literatura regionalista. In: VITTE, Antonio Carlos (org.). **Contribuições à história e à epistemologia da Geografia**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

LEFEBVRE, Henri. **A produção do espaço**. Tradução de Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins. Primeira versão: início fev. 2006. Original: La production de l'espace. 4. ed. Paris: Éditions Anthropos, 2000. Disponível em: wordpress.com. Acesso em: 2 jun. 2026.

LENCIONI, Sandra. Observações sobre o conceito de cidade e urbano. **GEOUSP Espaço e Tempo (Online)**, São Paulo, v. 12, n. 1, p. 109–123, 2008. Disponível em: <https://revistas.usp.br/geousp/article/view/74098>. Acesso em: 13 set. 2025.

MENDONÇA, Francisco; KOZEL, Salete (orgs.). **Elementos de epistemologia da Geografia contemporânea**. Curitiba: Ed. UFPR, 2004.

MORAES, Antonio Carlos Robert. **Geografia: pequena história crítica**. São Paulo: Annablume, 2007.

MOREIRA, Ruy. Velhos temas, novas formas. In: MENDONÇA, Francisco; KOZEL, Salete (orgs.). **Elementos de epistemologia da Geografia contemporânea**. Curitiba: Ed. UFPR, 2004.

NOGUEIRA, Ricardo José Batista. Tertúlia geográfica pelo Rio Madre de Dios. **Confins**, n. 64, 2024. Disponível em: <http://journals.openedition.org/confins/58617>. Acesso em: 11 set. 2025.



ISBN: 978-65-272-2671-0 DOI: 110.29327/9786527226710.1663594

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1996.

SPOSITO, Eliseu Savério. **Geografia e filosofia**: contribuição para o ensino do pensamento geográfico. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

VALE, Lílian do. Categoria, teoria, conceito (para dizer o ser em múltiplos sentidos). **Trabalho, Educação e Saúde**, v. 6, n. 2, p. 303–320, jul./out. 2008.

VITTE, Antonio Carlos (org.). **Contribuições à história e à epistemologia da Geografia**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

Agradecimentos

Agradecemos, de forma especial, à Profa. Dra. Susane Patrícia Melo de Lima, pelas valiosas contribuições ao longo da disciplina de Epistemologia da Geografia. Suas aulas foram fundamentais para o aprofundamento de nossas reflexões teóricas, proporcionando uma compreensão mais crítica e consistente dos fundamentos da Geografia, o que foi essencial para a construção e desenvolvimento deste artigo.

Agradecemos também, a Profa. Dra. Sandra Lencioni, que ministrou duas aulas a convite da Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Geografia, sem dúvidas suas contribuições em nossos primeiros dias de aula foram fundamentais para o nosso entendimento acerca da ciência geográfica.

Estendemos também nossos agradecimentos à Universidade do Estado do Amazonas (UEA), instituição que viabiliza a formação acadêmica e científica, oferecendo suporte e condições para a produção do conhecimento.